



Pastor dos bons e dos maus: o Cardeal Dom Eugênio Sales e a rede de proteção carioca aos exilados sul americanos durante as ditaduras de segurança nacional (1978 - 1982)

Walter Ângelo Fernandes Aló

Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC e Programa de Estudos de América Latina e Caribe – PROEALC / Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- UERJ

waaflo@gmail.com

Autoriza publicação

“Pela lei dos homens não posso fazer. O governo é contra isso. Mas pela lei do meu Deus eu tenho que fazer isso. Eu opto pela lei de Deus. Vamos fazer um trabalho organizado. Vamos abrir as portas. Pode receber”. (Dom Eugênio Sales, ao decidir acolher e ajudar os exilados do Cone Sul no Palácio São Joaquim, em 1976)

Na manhã de 06 de agosto de 1979 a rotina do Consulado da Suécia na cidade do Rio de Janeiro é subitamente alterada. Iniciam-se momentos de tensão, que se prolongariam pelos cinco dias seguintes. Motivo? Dez exilados políticos sul americanos (sete chilenos, dois argentinos e uma uruguaia, com três crianças) invadem a representação diplomática nórdica¹ e anunciam a ocupação do prédio, situado no nº 344 da Praia do Flamengo. Falando em nome do grupo o argentino Roberto Marengo² se apresenta como militante da Frente de Refugiados Latino Americanos, denunciando publicamente a violenta repressão promovida pela ditadura militar de seu país aos companheiros opositores.

¹ -Depois de tensas negociações e pensando na segurança dos exilados, Dom Eugênio leva os mesmos para a sua residência no Sumaré, onde permaneceram até conseguirem um país para refúgio legal. Preocupado com a polícia argentina e a operação condor, organiza comboios, com o seu carro a frente, com a presença de jornalistas, escoltando os estrangeiros até praticamente ao avião. O Cardeal repetiria este gesto outras vezes até o início dos anos 80.

² - Tempos depois do episódio da invasão ao Consulado sueco Dom Eugênio e seus colaboradores descobriram que Marengo era na verdade um agente da repressão argentina que conseguiu se infiltrar na comunidade de exilados cariocas. Conforme relatos dos próprios exilados, a estratégia de infiltração foi frequente durante aquele período.

Imediatamente o Cônsul Geral Lennart Henings aciona Rolf Jenny, representante do Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados (ACNUR) na cidade que, por sua vez, pede a ajuda do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012). Ao tentar um primeiro contato com os invasores Dom Eugênio é logo rechaçado: “Só aceitamos falar com Dom Hélder e Dom Paulo! ”. Nada que então causasse surpresa, uma vez que o Cardeal era tido como um homem autoritário e de ferrenho posicionamento anticomunista.

Definitivamente o Cardeal Sales não era visto como um “campeão” dos direitos humanos. Esta deferência sempre esteve associada aos progressistas Dom Hélder Câmara (1909-1999)³ e Dom Paulo Evaristo Arns⁴, que construíram esta justa fama no Brasil e na América Latina apoiando e protegendo exilados e refugiados e denunciando o terror de Estado que se alastrou pela região a partir de meados da década de 1970. Dom Hélder, por exemplo, era chamado pela ditadura brasileira de “arcebispo vermelho”. Já Dom Paulo Arns “incomodou” em vários momentos o regime com a sua corajosa atuação de combate ao arbítrio, especialmente através do Projeto Brasil Nunca Mais e do trabalho do Grupo CLAMOR⁵.

Naqueles tempos de Guerra Fria, de acentuada radicalização ideológica, com o Cone Sul infestado de ditaduras de segurança nacional, predominava na “esquerda” da Igreja Católica brasileira e na sociedade em geral a visão de um Dom Eugênio conservador e “amigo

³ - Dom Hélder Pessoa Câmara (1909-1999), cearense de Fortaleza, foi um dos maiores expoentes da Igreja Católica brasileira no século XX. Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro e Arcebispo Emérito de Recife e Olinda, destacou-se pela intensa dedicação as causas sociais e dos direitos humanos, pregando uma igreja simples e voltada para os pobres, dinamizando as famosas Comunidades Eclesiais de Base – CEB s. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, sendo indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

⁴ - Dom Paulo Evaristo Arns, Frade da Ordem Franciscana, nascido em 1921, na cidade de Forquilha, em Santa Catarina, foi outro ícone da Igreja Católica do Brasil. No período em que esteve à frente da arquidiocese de São Paulo (1970-1998) dedicou-se as Pastorais de cunho social, como a operária e a da moradia. Defensor intransigente dos direitos humanos, foi a “voz” de diversos presos políticos brasileiros e sul americanos. Criou a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e integrou o Grupo Tortura Nunca Mais

⁵ - O Comitê de Defesa dos Direitos Humanos Para os Países do Cone Sul - CLAMOR- foi um Grupo humanitário, fundado em fins de 1977, por iniciativa conjunta do Reverendo Jaime Wright, da jornalista inglesa, radicada no Brasil, Jean Rocha e do advogado brasileiro Luís Eduardo Greenhalgh, vinculando-se à Comissão Arquidiocesana da Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados, apoiados pelo Arcebispo de São Paulo, Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Entre 1978 e 1990 o Comitê protegeu e assistiu materialmente milhares de exilados sul americanos, principalmente argentinos, que entravam ilegalmente no Brasil, sem o status de refugiados, expurgados pelas respectivas ditaduras de segurança nacional. O grupo atuou denunciando internacionalmente o arbítrio das ditaduras no continente e ainda coletando e sistematizando testemunhos e documentação que atestavam violações aos direitos humanos praticadas pelas mesmas. Neste sentido destaque-se o trabalho dos exilados argentinos no Brasil na elaboração da lista de desaparecidos políticos em seu país, entregue em 1983 ao governo Alfonsín, base da Comissão Nacional dos Desaparecidos Políticos – CONADEP. Ver ALÓ, Walter Ângelo Fernandes- “Solidariedade Não Tem Fronteiras: a trajetória do Comitê de Defesa dos Direitos Humanos Para os Países do cone Sul – CLAMOR (1978- 1990) ”. Disponível em [Http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar/ponencias](http://jornadasexilios.fahce.unlp.edu.ar/ponencias).

da ditadura”. E, por que não dizer, de até ter se calado em relação aos crimes do regime de exceção brasileiro.

Desta forma, com o presente artigo, buscamos contribuir com um novo aporte à historiografia dos exílios no Cone Sul. Refutaremos as interpretações dominantes que situam Dom Eugênio Sales como um ator “insensível” e omisso as violações e aos crimes perpetrados pelas ditaduras brasileira e sul americanas de então. Reconstituiremos a expressiva (porém pouco conhecida) contribuição do Cardeal na defesa dos direitos humanos no âmbito do Cone Sul. Apesar da declarada ortodoxia doutrinária e da contundente negação ao marxismo, demonstraremos como Dom Eugênio, que à época se definiu como uma “unanimidade desfavorável”, organizou, de maneira “silenciosa”, a partir do Palácio São Joaquim⁶, uma eficaz rede de proteção e solidariedade que, entre 1976 e 1982, apoiou e salvou aproximadamente cinco mil exilados, principalmente argentinos, além de chilenos, paraguaios e uruguaios, das mãos assassinas daquelas ditaduras.

Em maio de 2000 importantes revelações confrontaram a historiografia brasileira. A partir de então este capítulo do período ditatorial brasileiro e sul americano ganha novos elementos de análise. Pela primeira vez, decorrida mais de uma década do fim das ditaduras, o Cardeal Dom Eugênio Sales, em entrevista ao *Jornal do Brasil*⁷, se pronuncia publicamente sobre a sua atuação de acolhimento aos exilados/refugiados do Cone Sul que transitaram pelo Rio de Janeiro nas décadas de 1970-1980.

Nos anos seguintes e até o seu falecimento, em 2012, Dom Eugênio, em outras oportunidades⁸, resgatou as memórias daqueles “anos de chumbo” e do seu trabalho político-pastoral de ajuda aos expatriados e de defesa dos direitos humanos. A partir de então a visão dominante que rotulava Dom Eugênio como “amigo da ditadura” encontra uma oportunidade de crítica e revisão. Esse trabalho humanitário, coordenado discretamente pelo Cardeal anticomunista, se estruturou com o apoio de vários colaboradores, individuais e institucionais, constituindo uma atuante (e salvadora) rede ecumênica de proteção e solidariedade aos exilados.

⁶ - Situado na Rua da Glória nº 446, era o escritório e residência do Arcebispo do Rio de Janeiro, apesar dos aposentos do Sumaré. Naqueles “anos de chumbo”, este foi um dos endereços que mais circularam pelas cadeias do Cone Sul, sendo a esperança para muitos perseguidos políticos. Era praxe Dom Eugênio e seus colaboradores atenderem os exilados e refugiados nos jardins e no pátio interno.

⁷ - *Jornal do Brasil*. 25/05/2000. Entrevista a Fritz Utzeri.

⁸ - *Jornal O Globo*. 02/03/2008; 03/03/2008 e 10/03/2008. Ainda TV/vídeo: “Os refugiados e a ação de Dom Eugênio Sales”. Entrevista a Christina Abelha / Ministério da Justiça e Luiz Fernando Godinho / ACNUR, 05/09/2010. Youtube; Programa Dossiê - Globo News. Rede Globo, outubro de 2010; Especial 90 anos de Dom Eugênio Sales – Rede Vida, 02/11/2010; Especial Cardeal Dom Eugênio Sales- Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, 15/07/2012. Youtube.

Cone Sul: em nome da segurança nacional

Entre 1964 e 1976, cinco países da América do Sul sofreram rupturas de suas instituições democráticas, erigindo regimes ditatoriais sob inspiração da ideologia de segurança nacional: Brasil (1964), Bolívia (1964), Chile (1973), Uruguai (1973) e Argentina (1976).⁹ Produto genuíno da Guerra Fria, a Doutrina de Segurança Nacional se estrutura nos EUA, a partir de 1945, por intermédio do National War College, estabelecendo o conceito de guerra subversiva.

A partir de 1976 houve um expressivo aumento na produção de exilados no Cone Sul, fruto da intensificação das ações de “caça” da Operação Condor aos dissidentes e da brutalidade da ditadura implementada na Argentina.

Na cronologia dos regimes de segurança nacional, a ditadura Argentina foi a última a se instalar no Cone Sul, o que não a eximiu de ter sido a mais devastadora de todas. No âmbito da cultura política nativa, fundamentou-se no chamado Processo de Reorganização Nacional – PRN:

“ Quando, em 24 de março de 1976, a Junta Militar composta pelos comandantes-em-chefe das três Forças Armadas - o general Jorge Rafael Videla, o almirante Emílio Eduardo Massera e o brigadeiro Orlando Ramón Agosti – assumiu o governo, iniciou-se a ditadura militar mais violenta e transformadora da história argentina. Tal ditadura implicou uma fissura na ação do poder militar, não só pela tendência autodefinida e auto-sustentada da interferência castrense no sistema político, mas, particularmente, pela capacidade de reconstituição das condições de dominação social, pela redefinição do papel do Estado e pela reestruturação social e política provocada por essa ação, no quadro da mais cruel experiência de *terrorismo de Estado* observada no Cone Sul. Nessa ocasião, os objetivos da corporação militar no denominado Processo de Reorganização Nacional – PRN- não se limitavam exclusivamente à desarticulação coercitiva da estrutura político-social que dava sustentação à sociedade ‘populista’, mas se estenderam à criação de novas bases estruturais e à formação, nesse contexto, de novos sujeitos sociais dominantes, tudo isso combinando repressão política e transformação econômica e social. A intensidade da repressão revela que o terrorismo de Estado não foi uma reação lógica e

⁹ - A ditadura do general Stroessner no Paraguai, inaugurada em 1954, a despeito das excelentes relações e colaboração com os citados, não se enquadraria no tipo de regime político militarizado como os do Cone Sul, assemelhando-se mais às ditaduras tradicionais, num padrão caudilhesco, como a Nicarágua de Somoza, a República Dominicana de Trujillo e Cuba de Fulgêncio Batista.

proporcional à ação da ‘subversão’. As características da máquina repressiva estatal e o número de vítimas desse sistema refletem a magnitude do genocídio produzido e demonstram que os objetivos do PRN iam mais além. Entre 1976 e 1979, foram dadas como desaparecidas cerca de 9 mil pessoas identificadas. Outras 1.898 foram assassinadas, sendo seus cadáveres encontrados e identificados posteriormente, e calcula-se que entre 5 mil e 9 mil pessoas tenham desaparecido sem haver denúncia. Em suma, ao longo de toda ditadura, houve na Argentina entre 16 mil e 21 mil pessoas mortas pela repressão processista”.¹⁰

E a intensidade dos expurgos na Argentina cresceu em 1977 com a lei de banimento, que concedeu liberdade aos presos políticos, o que não significou certeza de segurança para quem deixou a pátria. E a partir de então:

“...a chegada de latino-americanos ao Brasil, particularmente ao Rio de Janeiro, foi tão significativa – estima-se que cerca de vinte mil, principalmente argentinos, chilenos, paraguaios e uruguaios – que, em 1977, foi preciso abrir um escritório do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) na cidade para se encarregar de recebe-los e buscar outros países que pudessem servir como lugar de exílio”.¹¹

Assim, a integridade física de milhares de cidadãos chilenos, paraguaios, uruguaios e, sobretudo argentinos, fica severamente ameaçada, obrigando muitos desses homens e mulheres (e famílias) a abandonarem suas pátrias, sob risco de morte iminente. Inicia-se a tragédia humanitária desta grande massa de expatriados, que ao transitarem pelo Brasil, mais especificamente pelo Rio de Janeiro, seja na condição de exilado/clandestino e/ou refugiado, viveram momentos de dramática ambiguidade, experimentando tanto o medo e a angústia como encontrando também solidariedade e esperança pelas mãos de Dom Eugênio e seus colaboradores.

“Conservador, mas íntegro”

A frase é de um ex preso político brasileiro, que conviveu com Dom Eugênio nos “anos de chumbo” por ocasião das visitas do religioso ao cárcere. Inspirado no texto bíblico de 2 Coríntios 12:15, o Cardeal adotou um lema: *Impendam et superimpendar*. Em tradução ampliada significa “de muito boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas

¹⁰ - D’ARAÚJO, 2000, p. 22.

¹¹ - RIBEIRO, 2012, p. 56.

vossas almas, ainda que, amando-os mais, seja menos amado por vós”. Sintomático, se olharmos para a trajetória de quase sessenta anos de vida sacerdotal do Cardeal e mais especificamente para a sua controvertida atuação política e pastoral nas décadas de 1970 e 1980.

Sem dúvida que Dom Eugênio foi estimado e respeitado por muitos leigos, fiéis e clérigos em seu serviço cristão, seja no Rio Grande do Norte, sua terra natal, onde se ordenou em 1943, atuando até 1964, na Bahia, onde foi nomeado Arcebispo (1968) ou ainda à frente da Arquidiocese do Rio de Janeiro (1971-2001), quando atuou no Banco da Providência, fundou pastorais sociais, como a penal e do menor e defendeu os moradores do morro do Vidigal contra a especulação imobiliária. E porque não dizer no próprio Vaticano, onde ocupou diversos cargos¹², desfrutando de boas relações com todos os Pontífices durante quase cinquenta anos, especialmente com João Paulo II (1978-2005). Chegou até a ser cotado como candidato a Papa por ocasião da sucessão de João Paulo I.

Mas, no contexto de radicalização política que a sociedade brasileira vivia, com a ditadura recrudescendo após a edição do AI-5 (1968), as visões e posições maniqueístas se acentuavam. E, por que não dizer, também a prática do “patrulhamento ideológico”, sobretudo sobre as figuras públicas. E Dom Eugênio não ficou imune a isso. Naquela época de polarização esquerda x direita, quando confrontado politicamente sobre a *questão social*, não titubeou em expressar a sua fidelidade a “sã liturgia da Igreja Católica”, ratificando que a preocupação com os desfavorecidos deve ser através da fé e não pela ideologia política: “A Igreja deve se engajar nos movimentos sociais, na busca pela justiça social. A preocupação com o social precisa ser à luz do evangelho. Nós não somos políticos, mas presbíteros”.¹³

Participante ativo do histórico Concílio Vaticano II (1962-1965), Dom Eugênio vivenciou as discussões sobre qual deveria ser o papel e a ação da Igreja Católica no mundo após a segunda guerra mundial, profundamente modificado nas esferas política, econômica, social, científica e tecnológica. Assistiu ao surgimento de uma Igreja que optou em se abrir ao mundo secular e não mais se fechar e si mesma. Testemunhou o profundo impacto do Concílio Vaticano II sobre o episcopado latino americano, motivando duas marcantes

¹² - Entre outros, Membro nas comissões de elaboração dos Documentos "Gaudium et Spes", "Apostolicam Actuositatem" e "Inter Mirifica" do Concílio Vaticano II (1962-1965); - Membro da Comissão Pós-Conciliar "De apostolatu laicorum" (1966); Membro do Sínodo dos Bispos (1980) - representante nomeado pelo Papa; Consultor da Pontifícia Comissão de "Justiça e da Paz" - presidente do Comitê de Promoção Humana (1967); Consultor da Pontifícia Comissão para a América Latina (1967); Membro do Conselho de Cardeais para as questões organizativas e econômicas da Santa Sé (1981); Co-Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura (1982); Membro do Conselho para os Negócios Públicos da Igreja (1984).

¹³ - Depoimento de Dom Eugênio. Rede Vida de Televisão. Especial 90 anos de Dom Eugênio Sales. 02 de novembro de 2010.

Conferências Gerais, que reorientariam a doutrina social da igreja no continente: Medellín (Colômbia -1968) e Puebla (México-1979).

A partir de Medellín viu emergir no Brasil e na América Latina a *Teologia da Libertação*, uma inovadora corrente teológica, acentuando que o evangelho exige uma opção preferencial pelos pobres (o que seria oficialmente formalizado em Puebla) e conclamando a reorientação de uma Igreja com atuação pastoral centrada no *ver-julgar-agir* e que, alicerçada nas escrituras, atue politicamente na transformação da realidade social e econômica da região. Nas duas décadas seguintes a Medellín a Teologia da Libertação, que pregava o diálogo com as ciências sociais e humanas na leitura do mundo, passou a incomodar não apenas a ortodoxia da Cúria Romana, mas também a preocupar os grupos políticos conservadores e de direita da América Latina. Eram tempos de Guerra Fria, de “ameaça comunista”, de vigência das ditaduras de segurança nacional.

Análises centradas na teoria da dependência capitalista e questionamentos tais “como ser cristão em um continente de empobrecidos”, afetaram politicamente a Igreja Católica em suas bases latino americanas. De instituição historicamente identificada com o poder, a Igreja Católica viu nascer dentro de seu maior rebanho, a América Latina, um “cristianismo de libertação”, uma *esquerda católica*. A dicotomia clero *progressista* x clero *conservador*. Dom Eugênio era filho de seu tempo. Não abria mão de suas convicções no campo doutrinário e pastoral. Era um ortodoxo. Fiel aos Papas. E manteve-se assim. De Pio XII (1939-1958) a Bento XVI (2005-2013). Um conservador. Marcou sempre a sua posição anticomunista e de crítica à utilização do marxismo e de suas categorias como ferramentas de apoio à teologia na leitura do mundo e na busca pela justiça social. Por diversas vezes afirmou que o seu livro de doutrina era o evangelho.

Mas nem sempre foi assim. Nascido em 08 de novembro de 1920, no pequeno município de Acari (RN), de formação Marista, já foi chamado até de “Bispo vermelho” pela sua vanguardista e ousada atuação pastoral em Natal e no estado do Rio Grande do Norte, sobretudo no meio rural. Era a década de 1950 e o jovem Bispo de Natal (sagrado em 1953) vivenciava o processo de renovação da atuação da Igreja Católica no Brasil, direcionada mais intensamente para o trabalho social, saindo da sacristia e indo ao encontro do povo, com a “benção” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil–CNBB, criada em 1952, e com o apoio de seu idealizador e Secretário Geral, Dom Hélder Câmara, amigo fraternal de Dom Eugênio.

O vanguardismo materializou-se em ações de caráter assistencialista, como a construção de maternidades, passando por outras de cunho apostólico, exemplificadas na motorização do

clero, levando o evangelho a população dos rincões, além da tentativa de universalização da educação, organizando o Movimento de Educação de Base – MEB e as escolas radiofônicas para o meio rural. A ousadia, contemporaneamente as temidas Ligas Camponesas do Nordeste, foi o apoio na organização da federação de sindicatos rurais, lhe valendo outra alcunha: “Bispo do Nordeste”. Para um de seus contemporâneos¹⁴ “...ele puxou o movimento social da igreja”.

E um dos inevitáveis legados da ativa atuação pastoral de Dom Eugênio, especialmente entre as décadas de 1950 e 1980, tempos de luta contra a “ameaça subversiva”, foi a construção de uma imagem revestida de controvérsia. Homem taciturno, de personalidade forte e, para alguns, autoritário, sempre expressou o seu posicionamento doutrinário e político de forma autêntica: fidelidade ao Papa e negação ao marxismo. A ambiguidade e a polêmica, com viés de preconceito, acompanharam Dom Eugênio: as vezes porque gozava da intimidade do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, expoente civil da ditadura, com quem tomava banho de mar ou porque se recusava a celebrar missa em comemoração à edição do AI-5. Por desautorizar os Dominicanos de rezarem missas para as mães dos presos políticos brasileiros¹⁵ ou por recusar uma medalha dos militares. Proibindo a utilização da imagem do cristo redentor no desfile de uma escola de samba¹⁶ ou advogando a atenção também para situação dos presos comuns e pobres.

Todavia, talvez a contenda que mais contribuiu para a consolidação de uma visão *intolerante* do Cardeal Arcebispo tenha sido o embate com o maior expoente da Teologia da Libertação no Brasil, o teólogo franciscano Leonardo Boff, especialmente após a publicação de seu livro *Igreja, Carisma e Poder*, em 1981. A obra de Boff lhe rendeu um processo na Congregação da Doutrina da Fé, em Roma, condenando-o, em 1985, ao chamado “silêncio obsequioso”. Para a opinião pública cristalizou-se a visão que Dom Eugênio perseguiu e impôs a “mordaza” aos Boff, o que foi negado pelo Cardeal.¹⁷

¹⁴ - Dom Waldir Calheiros (1923-2013), Bispo de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Um dos maiores expoentes da ala progressista da Igreja Católica brasileira. Revista História Viva. Temas Brasileiros. Edição especial temática nº 2. 2010. p. 29

¹⁵ - Dom Eugênio comentou que vetou a realização das missas para evitar confronto, provocação aos militares, o que, segundo ele, poderia fechar canais de diálogo e salvação de encarcerados e perseguidos.

¹⁶ - No carnaval de 1989 um dos carros alegóricos da escola de samba Beija Flor de Nilópolis, do famoso carnavalesco Joãozinho Trinta, levava uma escultura estilizada do “cristo redentor mendigo”. Por considerar a utilização da imagem ofensiva aos católicos e, sem conseguir acordo com a agremiação, a Arquidiocese do Rio de Janeiro consegue decisão judicial proibindo a utilização da escultura. Trinta reage com criatividade, mantendo a escultura e o carro para avenida, cobrindo-a com uma lona preta, com a célebre inscrição “mesmo proibido, olhai por nós.

¹⁷ - O irmão de Leonardo Boff, Clodovis Boff, à época também defensor da teologia da libertação, perdeu a sua cátedra na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC / RJ e foi proibido de lecionar na Faculdade

E foi justamente este homem, uma “unanimidade desfavorável”, destemido e inflexível na defesa dos princípios da Igreja, que logo ao assumir a Arquidiocese do Rio de Janeiro se deparou com um abaixo assinado de aproximadamente 60 padres questionando a sua nomeação, o articulador e o comandante, em solo carioca, de uma corajosa e solidária rede de acolhimento e proteção, salvando vidas e dando esperança a milhares de exilados políticos do Cone Sul.

Sob as bênçãos do Cardeal: a rede de proteção carioca aos exilados do Cone Sul (1976-1982)

Em 2000, quando estava próximo do término do seu mandato de Cardeal Arcebispo, aos 80 anos, Dom Eugênio se dispôs a falar publicamente sobre o trabalho de acolhimento e proteção aos exilados. Em meio ao impacto que suas revelações provocaram, entre surpresa e desconfiança, prevaleceu na opinião pública, e por que não dizer no meio acadêmico, a percepção que um conservador declaradamente anticomunista como ele “não poderia ter apoiado subversivos.

E mesmo hoje, quarenta anos depois, ainda existem visões que identificam no Cardeal uma postura de omissão quanto à denúncia e o repúdio as graves violações dos direitos humanos cometidas pelo regime implementado em 1964 e pela demais ditaduras do Cone Sul: “Do que conheço a respeito da atuação do Cardeal Dom Eugênio, a não ser em casos isolados, ele realmente não se confrontou com a ditadura”¹⁸. E ainda: “ fechou os olhos às maldades cometidas durante a ditadura, fechando seus ouvidos e os portões do Sumaré aos familiares dos jovens ditos ‘subversivos’ que lá iam levar suas súplicas, como fez com minha mãe”¹⁹. E por último: “A conversa não foi boa. Ele não acreditava que a comunidade cristã dele estava sendo perseguida e não quis intervir. Ele nos considerava subversivos e era contra cristãos de

de Teologia de sua ordem, Servos de Maria, em Roma. Não chegou a ser processado pela Congregação da Doutrina da Fé.

Em entrevista ao padre Wagner Portugal, Dom Eugênio nega que tenha partido dele o pedido de abertura de processo de cassação a Leonardo Boff em Roma. Rede Vida de Televisão. Especial 90 anos de Dom Eugênio Sales. 02 de novembro de 2010.

¹⁸ - Dom Angélico, que foi Bispo Auxiliar do Cardeal Paulo Evaristo Arns em São Paulo. Revista Carta Capital on line. 18/10/13. Disponível em www.cartacapital.com.br/revista/770/dom-eugenio-agente-duplo-6767.html

¹⁹-Hildegard Angel, colonista social. Revista Carta Capital on line. 18/10/13. Disponível em www.cartacapital.com.br/revista/770/dom-eugenio-agente-duplo-6767.html. Hildegard se refere à incansável busca que sua mãe, a estilista Zuzu Angel, fez para encontrar o filho, Stuart Angel, militante do MR-8, preso, torturado e assassinado/desaparecido por obra de agentes do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica-CISA, em 1971. A jornada de Zuzu Angel só teve fim com sua morte, em 1976, em um acidente de carro orquestrado pela ditadura para silenciá-la.

esquerda”²⁰. E até mesmo de colaboração com a ditadura²¹. Mas há quem seja mais prudente, como um engajado exilado argentino, que viveu no Rio entre 1976 e 1984, atestando, entretanto, a “má fama” do Cardeal naqueles tempos: “Reconheço que a Caritas ajudou os exilados. Quanto a Dom Eugênio não o conheci pessoalmente, nem registro gestos dele neste sentido, o que não significa que não tenha ajudado. Mas posso dizer que ele não gozava de simpatia entre os meus amigos brasileiros”²².

Por outro lado, muitos contemporâneos ao Cardeal tiveram percepção totalmente contrária, reconhecendo e atestando a sua importante atuação na proteção aos exilados e na defesa dos direitos humanos:

“Só eu levei em 1980 de Florianópolis ao Rio de Janeiro vários refugiados do Cone Sul (argentinos, chilenos e uruguaios) principalmente Tupamaros, integrantes da guerrilha urbana uruguaia, até Dom Eugênio. Cumpria ordens de Leonel Brizola. Muito cedo, de madrugada ainda, saíamos em viagem na minha antiga DKV para chegar antes do entardecer ao Rio de Janeiro. Para disfarçar acomodava no banco da frente o meu filho de 8 anos. Fizemos várias viagens, penso que ao todo levei até Dom Eugênio mais de 40 jovens, entre 15 e 18 anos. Eram todos muito jovens”²³.

Inclusive de presos políticos brasileiros: “Fui torturado durante 83 dias e mandado para o presídio da rua Frei Caneca. Um dia Dom Eugênio foi lá e pedi que nos transferissem para Bangu, onde as famílias poderiam nos visitar. Dois dias depois, mudamos”²⁴. E mais:

“...encapuzado fui jogado no chão. Deixaram-me sedento e só me davam comida salgada. Alternavam luz e escuridão. Havia ruídos e muito frio. Um dia a porta se abriu e jogaram um macacão para mim. Depois de um banho me transferiram para uma cela com colchão, onde logo

²⁰ - Maria Aída Bezerra, militante do movimento social da igreja, depondo na Comissão Nacional da Verdade, descrevendo o seu insucesso ao pedir ajuda ao Cardeal para a libertação de uma companheira encarcerada. Revista Carta Capital on line. 18/10/13. Disponível em www.cartacapital.com.br/revista/770/dom-eugenio-agente-duplo-6767.html.

²¹ - Revista Carta Capital on line. 18/10/13. Disponível em www.cartacapital.com.br/revista/770/dom-eugenio-agente-duplo-6767.html. A matéria intitulada “Dom Eugênio, agente duplo”, traz a versão que o Cardeal, em 1976, agiu colaborando com o I Exército, impedindo a ala progressista da CNBB de confrontar mais diretamente o regime, face a violência então desencadeada contra membros do clero e do PCB, inclusive a jornalistas filiados ao partido.

²² - Entrevista realizada em 29/04/13, com Julio Raffo, argentino, natural de Mendoza, advogado, professor. Trabalhou no Rio de Janeiro como professor na PUC, Universidade Santa Úrsula e Cândido Mendes / IUPERJ e também como assessor do ACNUR na cidade. Juntamente com outros exilados argentinos foi fundador no Brasil do Comitê de Solidariedade as Mães da Praça de Maio e Povo Argentino-COSPLAM

²³ - Depoimento de Manoel Dias, ex Secretário Geral do PDT e Presidente do PDT de Santa Catarina. 13/07/12. Disponível em www.pdt.org.br/index.php/exilados-contaram-com-apoio-de-dom-eugenio-garante-maneco

²⁴ - Sebastião Paixão, preso político e ex dirigente do PCB. Jornal o Globo. 02/03/2008. p.

fui interpelado por um oficial (General Sílvio Frota, Comandante do I Exército e posteriormente ministro do Exército 1974-1977), que me perguntou se eu estava bem. Eu disse que não. Ele foi embora. Era véspera ou dia de natal. Fui entregue a minha família no dia seguinte. Dom Eugênio foi essencial (na libertação). Evitou que eu sofresse mais, tomasse choques elétricos. Tenho extrema gratidão a ele, que fez isso com muitos outros”. (José Noronha, preso político detido no quartel da Polícia do Exército, na Tijuca, Rio de Janeiro. *Jornal O Globo*. 02/03/08).

Após a polêmica desencadeada por suas revelações, quando solicitado a retomar a memória daqueles tempos, o Cardeal sempre procurou explicar *por que ajudou*: “era o meu dever de Bispo. Defendi a fé. Não olhei as consequências, mas a obrigação de agir como esperava a Igreja. Servindo aos aflitos”. E como começou o trabalho de acolhimento dos exilados? Com a palavra Cândido Feliciano da Ponte Neto, então Diretor da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, homem de confiança de Dom Eugênio e “executivo” da rede de solidariedade organizada a partir do Palácio São Joaquim, local de trabalho do Cardeal:

“ A partir de 1973, começaram a aparecer no Palácio São Joaquim pessoas perseguidas no Chile, que passavam pelo Brasil, solicitando ajuda enquanto buscavam o status oficial de refugiados em outro país. Começamos a ajudar financeiramente, disponibilizando hospedagem de 3 ou 4 dias em pequenos hotéis. Só que este número de pessoas foi crescendo. Em abril de 1976 recebemos uma carta de um padre chileno solicitando a Cáritas brasileira que apoiasse 5 chilenos que estavam fugindo da repressão da ditadura Pinochet. Eu levei o caso a Dom Eugênio, que leu a carta e depois disse que ia rezar, me pedindo para retornar no outro dia. Na manhã seguinte me disse que tinha a solução. Pegou o telefone e ligou para o General Sílvio Frota, então Ministro do Exército, dizendo que ia começar na Arquidiocese um trabalho de apoio ao pessoal exilado, subversivos e comunistas do Chile, Uruguai e Argentina. E se lhe dissessem que estava recebendo Montonero e Tupamaro, era verdade. Frisou que não queria ser incomodado. Depois me disse que iríamos fazer um trabalho estruturado com essas pessoas. Mandou abrir as portas do Palácio e receber”²⁵

Acontece que a especificidade da legislação brasileira sobre refúgio deu o tom de urgência e perigo para a situação desses homens e mulheres que estavam chegando em número cada vez maior ao Rio de Janeiro. Ao ratificar em 1960 a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados (1951), o Brasil confirmou as reservas temporal e geográfica, ou seja,

²⁵ - Entrevista com o Dr. Cândido Feliciano da Ponte Neto, Procurador da Arquidiocese do Rio de Janeiro e Diretor da Cáritas Arquidiocesana, em 19/07/16. Rio de Janeiro.

reconhecia como refugiados apenas os cidadãos europeus, vítimas de perseguição na Europa, antes de 1951. Os milhares de sul americanos que passaram a chegar ao Brasil recebiam visto de turista por 90 dias, prazo que o ACNUR tinha para encontrar um país que os acolhesse oficialmente como refugiado. Fora disso, o exílio era clandestinidade, penúria, sofrimento. E perigo de vida. Cândido Feliciano continua lembrando essa trajetória:

“Recebi de Dom Eugênio esta missão. Procurei meus amigos Marina Bandeira e Cândido Mendes, ambos da Comissão de Justiça e Paz da CNBB. Tivemos apoio também de homens como Marcelo Cerqueira, Bento Rubião e Sobral Pinto. Marina contactou uma amiga do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, que conseguiu que o Alto Comissariado das Nações Unidas – ACNUR abrisse uma representação no Rio de Janeiro, funcionando nas dependências do PNUD, em Botafogo. Conforme determinou o Cardeal, abrimos as portas do Palácio São Joaquim, organizando uma estrutura administrativa mínima. Por razões de segurança recebíamos os exilados nos Jardins do Palácio. Tínhamos receio de infiltrados, especialmente das forças de segurança argentina. Estrategicamente tínhamos uma pessoa, de prancheta na mão, coletando os dados iniciais das pessoas. Era uma forma de ‘apertar’ possíveis infiltrados”.²⁶

Dom Eugênio e seus colaboradores sabiam que o braço argentino da Operação Condor atuava no Rio de Janeiro. O próprio Cândido Feliciano viveu uma experiência de contato com esta ameaça, dentro do Palácio Joaquim²⁷. E esta suposição se confirmaria mais tarde com o sequestro e desaparecimento de três argentinos no Rio de Janeiro: Noberto Habegger (1978), Horácio Campiglia (1980) e Mônica Bisntock (1980). Todos eram guerrilheiros Montoneros. Florinda Habegger, em sua jornada de desespero buscando notícias do marido cogitou vir ao Rio de Janeiro, encontrando o apoio de Dom Eugênio Sales, que em carta de fevereiro de 1979, se dispôs a recebe-la e hospedá-la, ponderando que a mesma deveria se cercar de cuidados, pois havia fortes indícios da presença de agentes argentinos agindo livremente na cidade.²⁸

²⁶ - Entrevista com o Dr. Cândido Feliciano da Ponte Neto, em 19/07/16. Rio de Janeiro.

²⁷ - Em entrevista ao Jornal do Brasil em 25/05/2000, relatou que uma tarde foi procurado por um homem que precisava falar a sós com ele. Ao conduzi-lo a um local reservado, o mesmo mostrou-lhe uma arma presa à perna, identificando-se como policial argentino e ordenando que ficasse quieto. Cândido levantou-se imediatamente, abriu a porta e passou a gritar que havia um policial argentino no Palácio. O agente, assustado, fugiu em desabalada carreira.

²⁸ - MARIANO, 2006, p. 56-57.

O Diretor da Cáritas Arquidiocesana acentua um traço marcante da atuação pastoral e política de Dom Eugênio, que seria o fator fundamental para o sucesso da rede de solidariedade e proteção do Cardeal que, estima-se, salvou 5 mil vidas naqueles anos:

“ Dom Eugênio não queria aparecer, divulgar. Queria produção, resultado. Fosse o trabalho com os exilados ou com os presos políticos brasileiros, nos dava tarefas e queria solução. Eu mesmo fui várias vezes ao DOI/CODI e ao quartel da Polícia Militar da Barão de Mesquita prestar assistência aos presos”²⁹.

Trabalhando inicialmente com recursos da Arquidiocese, depois reforçados com aportes do PNUD, do ACNUR e do Conselho Mundial das Igrejas, este último representado pela Pastor Presbiteriano Jaime Wright, os colaboradores do Cardeal conseguiram operacionalizar para aquela massa de exilados, majoritariamente de argentinos, assistência em quatro grandes áreas:

- Jurídica: Prestando assessoria na tramitação de documentação junto a ACNUR com vistas a formalização da condição de refugiado em outro país;

- Educacional: Possibilitando empregos em instituições universitárias católicas aos exilados com qualificação docente³⁰, além de conseguir matrículas para os filhos dos exilados no Colégio Bennet, da Igreja Metodista, enquanto permanecessem no Rio de Janeiro. Mais um traço indicativo de que a solidariedade foi ecumênica;

-Saúde: Disponibilizando atendimento médico-clínico, odontológico e psicológico (...o desenraizamento do exílio...);

-Material: Dotação de itens de vestuário, higiene, comida e o repasse mensal de determinada quantia de dinheiro, proporcional a condição/necessidade do exilado, fosse solteiro e ou casado com filhos.

Talvez uma das tarefas mais complexas tenha sido manter o aluguel, via Mitra Arquidiocesana, de aproximadamente 80 apartamentos para milhares de pessoas, em diversos

²⁹ - Entrevista com o Dr. Cândido Feliciano da Ponte Neto, em 19/07/16. Rio de Janeiro.

³⁰ - “Em meu caso e de outros argentinos que conheço Cândido Mendes foi muito generoso nos dando trabalho nas Faculdades e no IUPERJ sem termos a documentação necessária. Para mim foi bastante relevante para a sobrevivência. A Fundação Getúlio Vargas nos deu bolsas, nos pagavam a argentinos para estudar ali e isso, além de nos instruir, contribuía para o nosso sustento. Era muito paradoxal que argentinos sem documentação e formalmente suspeitos aos olhos do SNI, recebessem fundos provenientes do Estado brasileiro durante os governos Geisel e Figueiredo”. Entrevista com Julio Raffo, argentino, advogado e professor, exilado no Brasil entre 1976-1984. Em 29/04/13.

bairros, como Lapa, Flamengo, Copacabana, Botafogo, Cidade Nova, Tijuca, Bairro de Fátima, Santo Cristo, Rio Comprido, Bonsucesso, Grajaú e Andaraí.

A Cáritas e a equipe de Dom Eugênio tinham continua preocupação com a segurança dos exilados. Por isso não coletavam documentação de origem dos mesmos. Acabaram tendo a necessidade de criar controles internos para sua logística, como fichas de inscrição, por ordem de chegada, atribuindo numerações as pessoas. E mesmo essa documentação não ficava armazenada no Rio de Janeiro. O mais rapidamente possível era despachada para fora do Brasil, provavelmente para a Cáritas de Buenos Aires. Ressalte-se ainda que, estrategicamente, o jurídico da Cáritas ocultava as identidades dos cidadãos nos processos de asilo junto a ACNUR.

Um pouco antes de falecer, fazendo um balanço do trabalho com os exilados e dos embates com a ditadura brasileira, Dom Eugênio afirmou: “Se eu anunciasse o que estava fazendo não tinha chance. Muitos não concordavam, mas eu preferia *dialogar e salvar*. Eu era um Bispo, não devia obediência aos militares. Tinha minha independência. Mantinha a posição da Igreja, que era essa”³¹.

Considerações finais

No período das ditaduras de segurança nacional no Cone Sul a violação aos direitos humanos foi a tônica. Tempos de terror de Estado, sob a forma de perseguição, tortura, assassinatos. Mas como já se destacou, o *exílio foi mais uma das formas de repressão*. E quando milhares de expatriados uruguaios, chilenos e argentinos aportaram no Rio de Janeiro buscando refúgio e a preservação de suas vidas, encontraram apoio e esperança no controvertido Cardeal Arcebispo Dom Eugênio Sales.

Contemporâneo da Guerra Fria, Dom Eugênio assistiu à polarização capitalismo x socialismo. Testemunhou os desafios impostos a Igreja Católica após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, confrontada sobre o seu papel no mundo e a questão social. Como consequência, presenciou na América Latina o surgimento de uma ousada Teologia da Libertação, que dialogava com o marxismo, conclamando a Igreja desse continente, marcado pela dependência e pelo subdesenvolvimento, a optar preferencialmente pelos pobres.

Viveu a consequente cisão do clero em conservadores e progressistas. Não hesitou. Sempre teve posição definida: fiel aos Papas, ortodoxo, conservador, anticomunista. Homem

³¹ - *Jornal O Globo*. 03/03/08. p. 3

de personalidade forte, para muitos até autoritário, colecionou polêmicas, desafetos e respeito em seu sacerdócio. Mas como pastor cuidou dos “bons e dos maus”. Aplicou os fundamentos cristãos, servindo, protegendo e amando ao próximo. Se definiu como uma “unanimidade desfavorável”. Tinha consciência que seus posicionamentos autênticos (principalmente o anticomunismo) e tradicionalistas tinham gerado uma imagem “negativa” dele. Mas dizia não se importar com isso.

Para além de uma opção pastoral conservadora e ambígua, ajudou a salvar vidas, não se calou diante da tortura e dos crimes da ditadura. Escolheu salvar sem confrontar radicalmente o regime, muito embora marcando sempre a sua autonomia e independência de Bispo. Neste sentido, o General Castelo Branco teria dito mais de uma vez que “Dom Eugênio era o Cardeal mais perigoso do Brasil”. Optou em trabalhar silenciosamente pelos exilados e perseguidos, brasileiros ou estrangeiros. Acolheu e protegeu. Estima-se que tenha ajudado a salvar cerca de 5 mil sul americanos, além de tantos outros brasileiros. Defendeu implacavelmente a dignidade humana. Não usufruía da mesma simpatia dos progressistas Dom Hélder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, “campeões dos direitos humanos” e seus fraternos amigos. Não havia rivalidade entre eles. Cada um dos três, com suas respectivas realidades e personalidades lutaram e contribuíram para confrontar as ditaduras brasileira e do Cone Sul.

Acreditamos que a compreensão da dimensão histórica do personagem Dom Eugênio Sales ainda continua “comprometida” pelos estereótipos. Oxalá novos estudos possam contribuir para superar as visões reducionistas, que oscilam entre o “conservador, mas íntegro” e o “Cardeal da ditadura”.

Bibliografia

BIEDEGAIN DE URÁN, A.M. *Nacionalismo, militarismo e dominação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COMBLIN, J. *A ideologia de segurança nacional: O poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

D' ARAÚJO, M. C. e CASTRO, C. *Democracia e forças armadas no Cone Sul*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DINGES, J. *Os Anos do condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

FICO, C. e FERREIRA, M.M. *Ditadura e Democracia na América Latina*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

MARIANO, N.C. *Montoneros no Brasi: terrorismo de estado no sequestro-desaparecimento de seis guerrilheiros argentinos*. 2006. Dissertação (Mestrado em História)-PUC, Porto Alegre.

MARTINS, R. R. *Segurança Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PADRÓS, Enrique Serra (org.). *As Ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul; para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça*. Porto Alegre: Corag, 2006.

PASSOS, J. M. *A noite dos generais: os bastidores do terror militar na Argentina*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUADRAT, Samantha Viz (Org). *Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____ - *Caminhos e Descaminhos do Exílio Argentino no Brasil*. 2006. NEC/UFF, Niterói.

_____ - *Memórias do Exílio Argentino no Brasil*. In: X ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL. TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, 2010, Recife.

_____ - *Solidariedade no Exílio: os laços entre argentinos e brasileiros*. In: IV JORNADAS DE HISTORIA RECIENTE, Universidade Nacional de Rosário, 2008, Argentina

RAFFO, J. C. A. *Meditacion del Exilio*. Buenos Aires: Editorial Nueva américa, 1985.

REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *À Sombra das ditaduras: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Mauad X. 2014.

RIBEIRO, D. F. *A Anistia Brasileira: antecedentes, limites e desdobramentos da ditadura civil militar à democracia*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói.

SANJURJO, L. L. *Narrativas do exílio argentino no Brasil: nação, memória e identidades*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas.

Fontes

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 06/1979; 05/2000 e 07/2012

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 03/2008

Revista Carta Capital, 18/10/13- www.cartacapital.com.br/revista

Revista Historia Viva. Temas brasileiros-Igreja. www.historiaviva.com.br

Vídeo- Globonews Dossiê. 10/2010. <https://www.youtube.com/watch?v=QgIObdnM0Wc>

Vídeo- Rede Vida. 11/2010. <https://www.youtube.com/watch?v=Qi-mAbbGN5U>

Vídeo- Arquidiocese do RJ. 15/07/12. <https://www.youtube.com/watch?v=vh292BNsNU0>

Vídeo- Refugiados políticos. 09/2010. <https://www.youtube.com/watch?v=UkGsQcL8T8E>

Site- www.domeugeniosales.webnode.com.br

Entrevistas

Cândido Feliciano da Ponte Neto, Procurador da Arquidiocese do Rio de Janeiro e Diretor da Cáritas Arquidiocesana, Rio de Janeiro. 19/07/16.

Júlio César A. Raffo, argentino, advogado, professor, ex assessor do ACNUR-RJ e exilado no Rio de Janeiro entre 1976 e 1984.